

A PROPÓSITO DE UM MANUAL DE GEOGRAFIA HUMANA

O livro mais recente de MAX DERRUAU ⁽¹⁾ é um extenso manual de geografia humana, essencialmente semelhante ao que o autor publicou em 1961 com o título de *Précis de Géographie Humaine*. Muito mais

(1) *Nouveau Précis de Géographie Humaine*, Paris, P. U. F., 1969. Com 576 páginas e ampla bibliografia, tem documentação suficiente e didáctica: 51 figuras extraídas, na maior parte dos casos, de obras de base e de revistas geográficas e 61 estampas fora do texto.

que o conteúdo das matérias, varia o plano da exposição que as coordena em *livros* subdivididos em *partes*, sendo aqueles por vezes independentes entre si, embora se infira a existência de um débil fio condutor mais implícito do que explícito. A *população* e outros fenómenos gerais, que interessam à Geografia humana explicar como se repartem — *raças, línguas, religiões e estados* —, constituem assunto dos primeiros estudos, enunciados nos livros primeiro e segundo. Os ajustes dos grupos humanos aos diversos ambientes geográficos, desde os naturais até àqueles em que a interferência do factor social criou manifestações culturais complexas, servem de núcleo ao terceiro, que se intitula *A noção de géneros de vida, os mecanismos e os sistemas económicos*. O quarto e o quinto, designados respectivamente de *A geografia agrária* e *As actividades não agrícolas*, desenvolvem os aspectos estruturais das actividades humanas nos diversos contextos de ambiente e de civilização. Por fim, *As cidades*, título do sexto livro, revela como só elas merecem ao autor um tratamento desenvolvido e autónomo no estudo do povoamento, já que o rural se insere no da Geografia agrária.

Quer-nos parecer que esta ordenação dos assuntos resulta, em certa medida, frouxa, não ressaltando dela os princípios duma Geografia humana una e coerente, mas, pelo contrário, fragmentada nos seus múltiplos aspectos exteriores. Os «livros» e as «partes» estão organizados de forma heterogénea e as respectivas introduções tanto expõem conceitos de carácter preliminar como sumariam o que se segue, notavelmente nos casos em que se impõe justificar a exposição conjunta de matérias cujas afinidades precisam de ser esclarecidas. São exemplos disso as do livro segundo e da primeira parte do livro quinto. Por seu turno, aquelas explicam-se tanto por uma directriz preponderantemente classificatória como evolutiva. O livro quinto é exemplo de ambas, como se pode verificar comparando as partes segunda e quinta. Esta, que se refere à Geografia da circulação e, em particular, à terrestre, atende ao desenvolvimento, no tempo, de transportes de funções tão diversas como as do automóvel e as do *pipe-line*. A segunda — Geografia da indústria — atende sobretudo à localização e classificação das indústrias actuais, abordando apenas, na nota introdutória, os princípios básicos da génese da indústria moderna, em geral, não obstante a grande importância que teve no desenvolvimento da conjuntura económica de hoje e da hegemonia da civilização ocidental na ecúmena.

Para lá destes aspectos, é um livro de comunicação simples e directa, útil no esclarecimento de problemas de várias ordens, não apenas no domínio dos conhecimentos gerais, mas ainda no dos métodos aplicáveis aos estudos práticos. Efectivamente são postas com frequência as bases que permitem, ao leitor recém-iniciado na Geografia humana, tentar a pesquisa à escala das suas possibilidades, no quadro regional; e não deixa de se lhe facultar, implicitamente, o conhecimento de situações genéricas a que deverá reportar-se.

A obra é assim como que um compromisso entre uma geografia humana regional e uma geografia humana geral, se esta expressão pode, de facto, fazer sentido. Não que o autor afirme uma atitude quanto

à orientação e problemas teóricos. Neste aspecto ele apresenta-se notavelmente isento e, ao referir-se, em nota, na introdução geral, à existência das que, ao longo do tempo, surgiram e continuaram a vingar, remete o leitor para o primeiro manual. Pelo contrário, preocupa-se em sintetizar, neste, as diferentes «famílias» de obras geográficas, cuja súpula enuncia. A primeira, que se documenta sobretudo dum modo estatístico, «repousa na convicção de que as formas de organização social e económica preponderam sobre as diferenças devidas à Geografia física». A segunda «avalia que a Geografia é sobretudo a adaptação dos grupos sociais às condições naturais», insistindo «nas condições físicas e na originalidade da civilização técnica de cada grupo». A terceira, que envereda decididamente pelo campo teórico, considera o espaço como um modelo abstracto, à maneira dos economistas, e o autor (embora lhe negue realidade geográfica) afirma, quanto a ela, um relativo respeito pela importância que merecem, à Geografia humana, as teorias da repartição.

É sem dúvida nestes sentidos que o manual revela eclectismo, sobretudo referente às duas primeiras destas ópticas. O que aliás não pode deixar de se compreender quando se tem de dar a mesma importância aos géneros de vida (encarados desde VIDAL DE LA BLACIE como resultado das relações concretas dos grupos com os ambientes em que desabrocharam) e aos mecanismos económicos complexos que a civilização ocidental tem apurado na interdependência dum domínio do espaço, exercido hoje à escala do próprio globo.

Este esforço na análise da composição vária da ecúmena poderia colocar o manual na senda duma geografia humana geral, no sentido clássico do termo, se terminasse numa síntese que abstraísse denominadores comuns das múltiplas realidades. Assim se poderiam afirmar tendências, com foros de lei, desta ciência metodologicamente social e, portanto, indutiva. Mas a posição do autor não deixa de ser válida: ao apresentar a Geografia como método e não como teoria, dá ao leitor uma base informativa que lhe pode servir de apetrechamento na sua própria concepção do mundo e dos seus problemas geográficos.

MARIA ALFREDA CRUZ